

Memória Revelada de uma Cidadã: Dona Laura, mãe Netinha

Clara Suassuna Fernandes*

Gostaria de começar o texto, afirmando que a entrevista estava guardada há bastante tempo; parece-me que esperando o tempo ideal para ser revelada. O intuito da entrevista, inicialmente, foi dar oportunidade aos alunos graduandos em história, a se familiarizarem com a técnica da História Oral e terem conhecimento de uma casa religiosa afro-descendente na cidade de Maceió.

É bom deixar claro que não há nenhum intuito de especialização sobre as questões religiosas, a idéia é apresentar o depoimento de uma grande cidadã, que cuidou durante tanto tempo dos princípios religiosos de uma parcela da população, muitas vezes discriminada pela pobreza e por ser freqüentadora de um terreiro. Portanto, é a memória de uma mulher, ou uma pequena parte, daquilo que foi permitido ser contado e analisado.

MEMÓRIA REVELADA DE UMA CIDADÃ: Dona Laura, Mãe Netinha.

O que é a memória? Memória é tudo aquilo que guardamos durante a vida, de forma permanente ou temporária, fatos selecionados a partir dos interesses e graus de importância que se atribui à vida. É bom lembrar que a memória é seletiva, por isso só é guardado o que é importante para cada um, de forma permanente ou temporária. E ainda, a memória envelhece assim como o resto do corpo, pois ela é composta por neurônios, submetidos às reações do tempo no organismo, portanto, com limitações.

Pode-se guardar tudo com mais clareza e com detalhes, quando jovens, mas na velhice o comportamento muda e tudo se torna lento. Os velhos, então, usam outro caminho, já que não conseguem gravar o seu cotidiano, reportam-se para o passado, pois é nele que sentem os detalhes, cheiros e gratas recordações, que a juventude deu oportunidade de gravar os mínimos detalhes do que foi vivenciado; tudo era mais fácil devido à jovialidade da mente. A velhice deixa o indivíduo mais confuso, a velocidade de compreensão e de ação é lenta e pode irritar o homem ou a mulher, pois nesse período os corpos, às vezes, não atendem mais à vontade.

Para que a entrevista acontecesse, os alunos foram levados para a Casa de Mãe Netinha, visita previamente marcada. Foi feito um banco de dados (perguntas), mas a entrevista tomou outros rumos e foi sendo conduzida pela dona da palavra, de forma lenta, segura e com muita alegria.

Antes de apresentar o que foi gravado, foram escritas algumas impressões, que ficaram na memória, ao entrar na casa de Mãe Netinha. Não será mudado o tempo do verbo, pois é o retrato de um tempo presente, embora em 2005.

PRIMEIRA VISITA À CASA DE MÃE NETINHA*

* Pontos que não foram gravados.

A primeira visita à casa de Mãe Netinha aconteceu no dia 29 de Julho de 2005, depois de alguns debates com os alunos (Ana e Itamar) de História Oral. Marcada com Luandê, sua filha, que sempre a acompanhava em público, zelando pelo bem-estar da Mãe, apesar de a outra filha morar com a senhora. Essa filha cuida da casa e da alimentação de sua Mãe. A casa de Mãe Netinha localiza-se no Jacintinho, um dos bairros mais populosos da cidade de Maceió.

A entrevista começou quando Luandê chegou. Parece que a Senhora Dona Laura sente-se mais segura, porque a sua memória falha e há um complemento imediato feito pela filha. Ou pode ser outra situação: a filha conduz a entrevista para que nada seja mal-compreendido.

Esperou-se mais de uma hora, pois a Luandê se atrasou; marcou-se às 9 horas da manhã. Começamos às 10 horas e 40 minutos. O fato de saber esperar para ter uma entrevista, pode ser encarado como uma aprendizagem e foi isso que aconteceu.

A Mãe Netinha foi simpática conosco, nos oferecendo um café, ou tentando travar uma conversa comigo e com os alunos/pesquisadores, até a chegada de sua filha, que também nos recebeu com muito carinho.

Mãe Netina: como a vimos

Ela é uma pessoa fantástica, com uma força incrível para uma Senhora com mais de 90 anos. Nem ela própria sabe da sua idade exata, por ter sido registrada já garota, com aproximadamente 10 anos. Como ela mesma disse: “*só fui registrada em 1920*”. Pelo registro ela fará noventa e quatro anos, em 06 de Novembro. O dia e mês de nascimento ela garantiu que é o certo. É provável que Mãe Netinha esteja bem perto dos cem anos. Pensamento defendido também pela família.

Outra impressão que ela deixou foi em relação a sua vitalidade: gosta de festas. Brincou carnaval durante a sua juventude, já que o seu pai de sangue era um folião e saía em vários blocos, percorrendo a cidade de Maceió. E ao falar das suas idas ao carnaval há um sorriso de satisfação e de felicidade.

Ela já quase não ouve e nem vê, mas tem uma preocupação com a imagem, não de uma forma inseqüente, mas como toda mulher que ainda se cuida. Com uma roupa branca, blusa e saia, um turbante igualmente alvo, com argolas de ouro, colocadas nas orelhas por ela.

O seu semblante é calmo e a pele de uma pessoa de apenas vinte anos: ficamos pasmos, pois ela não tem rugas.

Ela nos falou como perdeu uma das visões, por um erro médico. Por causa disso, Mãe Netinha foi a São Paulo e os médicos constataram o erro grosseiro.

Ainda falou que o ano passado (2004) sofreu uma cirurgia no seio: *mas que agora está curada, por Deus e pelos santos*. A cirurgia aconteceu em São Paulo por estar visitando o seu filho, quando se sentiu mal e foi hospitalizada.

Informou-nos que teve uma educação formal e foi ser professora. E que antes dos trinta anos de idade já tinha uma escola em casa com mais de 100 alunos. Afirmou que ensinou catequese em duas Igrejas, que essas aulas aconteciam aos sábados e que na catequese não se usava a palmatória, diferente da sua prática na escola formal. Uma senhora não só dedicada à religião, mas à educação daqueles que estavam ao seu redor, trabalho continuado por sua filha que também teve formação, atendendo hoje aos jovens do bairro do Jacintinho.

Disse que a sua alimentação é bem simples, que não bebe ou fuma e que come fruta ao acordar e que só depois de um bom tempo é que toma café. Sentou em sua cadeira de balanço, mas quando levantou, tinha os passos firmes e não deixou ninguém ajudá-la.

Segundo sua filha, ela ainda conduz toda a vida religiosa da casa, com suas obrigações e consultas. Explicou que seus avós também tinham um terreiro, mas a iniciação de Mãe Netinha não começou com seus pais, mas por uma “tia”. Disse-nos que começou a freqüentar ainda muito nova o terreiro.

Perguntou-se como seria o lazer, e a sua filha foi direta em afirmar que: *“questão do lazer se mistura com as obrigações que as pessoas têm com a vida religiosa, mas isso não é um fardo, muito pelo contrário”,* é visto por elas com alegria.

Sobre a formação da família nuclear, fez referência ao marido, e que só teve três filhos, porque *“(..).quem já viu pobre ter muitos filhos, não pode”.*

Ainda há outras frases de efeito como essa: *“Apanhar um táxi poderia ser uma condição de status, além de tudo andar numa marca estrangeira”*

Luandê tem uma ansiedade enorme para falar e, muitas vezes, interrompe a sua mãe, atropelando as vozes. Mas ainda bem que as duas falaram, caso contrário não teria como registrar os respectivos depoimentos. Depois as duas grandes mulheres vieram a falecer, com uma diferença de tempo muito pequena. Caso fosse exigir qualquer ação metodológica mais rígida, não teria os depoimentos, seria uma perda total.

A seguir, apenas alguns trechos da entrevista, por falta de possibilidade de publicá-la na totalidade, levaria uma média de trinta páginas sem qualquer tratamento analítico, e no momento o espaço destinado ao artigo é bem menor.

IP: A Senhora deixou o ramo de professora para seguir isso? [Isso seria a prática religiosa. O estagiário não soube perguntar, estava super nervoso].

LS: Não deixou. Ela seguia as duas coisas, a profissão de professora e a profissão também da religiosidade, até porque os pais dela eram vivos. Então, ela só... ela fazia o papel que eu faço hoje. Então, eu ajudo, eu não tenho nenhuma autorização para fazer nada, a não ser que ela diga: faça!.

Luandê tenta explicar as primeiras atuações de Mãe Netinha no terreiro, ainda garota, quando seus avós ainda eram vivos.

CF: A Ordem ainda vem da Mãe Netinha?

LF: Com certeza.

CF: Quais seriam essas obrigações, ela poderia contar?

Nesse momento a filha dá as primeiras explicações e afirma quais são os primeiros passos necessários a uma iniciação.

LF: Posso?... No Candomblé, na religiosidade, primeiro a gente segue... primeiro a gente é um ABIAN.

CF: O que significa ABIAN?

LS: É o começo de tudo. Foi o que ela fez na casa de Tia Bitinha. Foi o começo de tudo. Então, quando ela queria uma limpeza de corpo para afastar as coisas negativas, entendeu? Então, depois você vem com as obrigações maiores para os **orixás**. Então, você passa a ser um Yaiô. Depois é que vêm as obrigações maiores, é que você passa a ser um **Equete**. O que eu sou hoje.

CF: O que a senhora falou? Nesse instante a Mãe Netinha nos faz uma afirmação interessante.

MN: É uma patente do espiritismo.

Depois sua filha continua as explicações.

LS: É que são as tradições. São as tradições que temos que seguir. Primeiro é o Abian, depois um Yaiô, depois um Equete e depois passa a ser um Ialôrixá, pode você estar com uma casa aberta, ou não,... ou não aberta. Casa aberta, quer dizer assim: atendimento ao público. Ou do contrário, só atender a família.

CF: Quando a senhora estava ensinando e fazendo as suas obrigações, sofreu algum tipo de preconceito? Por ter a casa aberta ou tendo outro tipo de obrigações?

MN: Não.

Atuação e comportamento na Casa de Mãe Netinha e a violência às casa religiosas exercida pelas delegacias. As medidas que se tomava para não chamarem atenção do sistema repressor do estado

A filha utiliza a palavra anarquia para indicar barulho reprimido pela força da polícia, daí o uso de instrumentos não ser tão forte, para não chamar a atenção da máquina repressora.

LS: Antes pelo que sei, que eu já tenho cinqüenta anos de idade, não existia isso aqui não. Porque não existia esse exagero de casas abertas. Então, você via uma aqui outra ali, entendeu? Quando era em ruas tradicionais, como na que Mãe Netinha nasceu, ela nasceu na Rua Santo Antônio. A Rua Santo Antônio é aquela rua depois do primeiro Centro de Saúde, tem a praça das Graças, depois tem a praça Santo Antônio. Ela nasceu ali, ali é uma rua tradicional, não é? Ninguém tocava, as pessoas não tocavam atabaque¹. O que se usava era o xêrê e o agogô, entendeu. Não tinha essa coisa, também de você terminar tarde, de anarquia, entendeu? Eu presenciei, eu pequena presenciei [anarquia], muitos terreiros passavam na porta para ir para a delegacia. Eu presenciei, eu presenciei. Mas da casa dos outros, mas da minha casa nunca teve dessas coisas não, porque a gente sempre tem muito cuidado com as coisas, até hoje. Se tem uma festa aqui, primeiro eu mando um ofício ao comandante da polícia, então ele tem conhecimento e o carro fica rondando por aqui. Ele [o carro] não fica parado, ele fica rondando. Então, a gente tem muito cuidado com essas coisas. Mas que eu já presenciei várias corridas, de ver, como se diz... Terreiros, de ver a polícia passando na frente e os filhos de Santo e ou Pai de Santo, como se costuma dizer, passar na

frente com um monte de ferramenta², de otá de atabaque, as coisas tudo atrás. Eu já presenciei, quando morava na [Rua] Santo Antônio, mas...

CF: Mais ou menos isso em que época, Luandê?

LS: Olha , eu tenho cinqüenta anos de idade, isso tem, mais ou menos, quando eu tinha até dez, quarenta anos passados. Quarenta anos passados eu via isso ai, porque ainda alcancei aquele governo SILVESTE PÉRICLES, eu alcancei.

CF: E foi extremante violento!

LS: Pois é! Eu o alcancei e era pequena. Eu nasci e vivi um bocado de tempo na casa dos meus avós, na Rua Santo Antônio, também.

CF: Mãe Netinha, quando a Senhora era pequena, vamos voltar um pouco à infânciaQuais eram as brincadeiras, que a senhora fazia? Como a Senhora se divertia?

Mudei um pouco a conversa, porque Mãe Netinha estava completamente calada.

Divertimento

LS: A Senhora se lembra das brincadeiras de criança que existiam , na sua época ? [ela fala mais alto na tentativa de nos ajudar.]

MN: Eu gostava de carnaval, né !! Carnaval , Natal....

LS: Na época dela o carnaval era muito forte, eu ainda alcancei. [A filha fala ao mesmo tempo]. O carnaval no início de século XX era uma festa extremamente popular, onde a classe menos endinheirada brincava nas ruas ou salões da periferia, praticamente uma brincadeira, não estava voltada para a elite financeira e/ou política da cidade.

[Consiste em festejos populares e em manifestações sincréticas oriundas de ritos e costumes pagãos, como as festas dionisiacas, as saturnais e se caracteriza pela alegria desabrida, pela eliminação da repressão e da censura, pela liberdade de atitudes críticas e eróticas, com folias, folguedos populares, com disfarces e máscaras. Pode ainda significar: confusão, trapalhada e desordem].

MN: Eu gosto muito de me divertir!!!

A frase acima mostra bem o temperamento alegre da entrevistada. Disse-nos isso com um sorriso largo e sincero no rosto.

LS: Os cursos, não é curso que se chama? Na rua [inaudível] na rua dos bondes, eu ainda alcancei, os bondes...

Hoje, o curso não existe mais durante o carnaval, mas era uma brincadeira de mela-mela entre os jovens e adultos que iam às ruas. Normalmente se usava farinha, ovo, pó de café e muita água.

MN: O quê?

LS: Os bondes.

MN: Ah! Tinha, era...

LS: Os bondes, o curso, os blocos carnavalescos, que o Pai de Minha Mãe [D. Laura] era um folião.

MN: Era folião...

LS: Então o Bloco vinha... Era CARA DURA, não era Mãe ?

MS: Era CARA DURA, PAZ DOURADA...

LS: Esse eu não alcancei...

MN: Leão de Bronze...

LS: Esse eu não alcancei... Eu só alcancei o CARA DURA, O CAVALEIRO DOS MONTES...

MN: A Paz Dourada...

Nome dos blocos carnavalescos que andavam pelas ruas da cidade.

LS: Esse eu não alcancei...

CF: Seu avô participava desses blocos?

LS: Participava e depois que ele ficou já numa certa idade, que meu avô quando morreu tinha cento e cinco anos. Ele tinha assim dois metros e dez de altura. [Morte do Pai de Mãe Netinha e a confecção do caixão.]

MN: Era...

LS: Quando ele morreu, até ficou esperando que fizesse o caixão, porque não existia. Meu avô era muito alto.

CF: Ele coordenava algum grupo em especial? Ou ele participava apenas dos blocos?

LS: Ele participava e, antigamente, as pessoas tinha, um respeito muito grande pela ... pelo ancião, pela pessoa de idade. Então, qualquer bloco que saísse, tinha a obrigação de fazer um CORTEJO. [Respeitabilidade aos anciãos – tradição religiosa e cultural de matriz africana]

MN: De fazer aquela meia lua em minha porta³. Na porta dele.

LS: Aquela meia lua era um cortejo, uma saudação, que estivesse na porta...

CF: A Senhora [Mãe Netinha] saía nos blocos?

MN: Saía.

LS: Tinha a ala das mulheres, como hoje, tem a escola de samba.

MN: Tinha mesmo a ala das mulher[es], das moç[as]...

LS: Qual o bloco que a Senhora desfilou, a Senhora se lembra?

MN: Lembro, nas PAZ DOURADA, pronto. Agora, a noite tinha a dança de salão...

CF: Onde a Senhora dançava?

MN: Era na Paz Dourada, no Leão de Bronze, no Cavaleiro dos Montes , Cara Dura...

CF: Dava tempo para tanta coisa?

MN: Dava, porque carnaval.. No Sábado de Carnaval a gente já ia para um, né? Quando era Domingo de Carnaval a gente ia para aquele mesmo⁴. No segundo dia já ia para outro. Antes de terminar, a gente fugia daquele, já ia para outro, era assim.

LS: Dando satisfação a cada um.

MN: Era.

LS: Agradando a cada um, né?

MN: É, quando via, era uma dez pessoas. A reunião da gente era uma dez, dez moças.

CF: Vocês brincavam durante à tarde e à noite?

MN: À noite.

CF: Chegavam à casa a que horas?

MN: 10h30min (dez e meia), 12h (meia noite). Apanhavam o táxi, tava⁵ em casa.

LS: O táxi, na minha época, eu lembro que era o aero-willes. Não era Mãe? O nome do Carro?

MN: Não sei...

LS: Era. Os táxis, na minha época, mas na época dela, eu não me lembro muito [ansiedade para falar]. Eu via muito o bonde.

MN: Mas quando era mais tarde, não tinha mais bonde⁶. Aquela reunião de muita moça eram dois táxis. Agora, que é táxi, antigamente, era carro mesmo. Tomava o carro...

LS: Carro de praça que chamava?

MN: Era

CF: O que a Senhora fazia, normalmente, aos Domingos?

MN: No Domingo a gente ia passear, na cidade mesmo.

MN: No Domingo sempre tinha um baile, [um forró], a gente ia, lá mesmo na Ponta Grossa [bairro de Maceió] , ia no Poço [idem]. A gente era muito chamada, todo mundo gostava da turma da gente.

Bairros que naquele período eram agitados na reunião dos jovens e na concentração das atividades culturais da cidade.

CF: Devia ser muito animado!

MN: Era, onde a gente chegava, já viu!!!... Era da turma, enchia o salão (risos dela). Ainda hoje sou animada.

LS: Nos domingos, fora o baile, a Senhora ia para onde?

MN: Hum!!! Dia de Domingos, nós ia lavar roupa...

LS: Sem ser...

CF: Pode deixar ela responder...

MN: Passar ferro, ajeitava o almoço, ajudava a minha Mãe.

CF: A Senhora lavava a roupa em casa ou ia para algum lugar?

MN: Lavava em casa mesmo.

LS: E o outro lugar que a Senhora ia, era aos Domingos?

MN: Era ao Candomblé.

Há uma interferência...

CF: Como era essa ida ao Candomblé?

Contato com os terreiros, localizações.

MN: (Risos dela) Eu ia ao Candomblé..., ao terreiro dos outros.

CF: Deixavam a Senhora ver?

MN: Deixavam... O pessoal tinha contemplação à minha família.

CF: Normalmente, onde estavam esses candomblés?

MN: Um é na Rua do União , outro na Rua Santa Teresa, tinha diversos.

LS: Qual a Senhora ia mais?

MN: Na Rua da União. Na casa de Dona Lucrecia.

LS: Um Terreiro tradicional.

CF: Sabes o nome do terreiro?

LS: Não, eu lembro do orixá dela.

LS: A Senhora lembra o nome do Centro?

MN: Não.

LS: Eu lembro do orixá da casa, Dona Lucrecia era Oxúm ou Mijim.

Tem outro lugar que a Senhora ia aos Domingos e não está lembrada, que você fazia parte?

MN: Era o Candomblé?

LS: Não era o Candomblé e que você fazia parte. Eu queria que ela se lembrasse... Na Igreja São Benedito e na Igreja Nossa Senhora das Graças.

Ação na religião cristã

MN: Ah, sim !!! Era. (risos). Eu era catequista da Igreja, eu tomava... eu era quem ensinava e tomava o catecismo dos meninos. No tempo da quaresma lavar os pés, está ouvindo? Eu tinha a patente da Igreja Nossa Senhora das Graças e da Igreja São Benedito.

CF: A Igreja de Nossa Senhora das Graças fica onde?

MN: Fica em frente à Saúde Pública.

CF: E a de São Benedito fica onde?

MN: São Benedito fica em frente aquele colégio grande... Como é? Eita meu Jesus!!!

LS: Não, tinha um colégio, hoje não é mais um colégio. É o Colégio Estadual não, era um outro nome, hoje é a Secretaria de Educação do Estado, mas antes era um colégio. Qual era o colégio, Mãe, que eu não estou lembrada?

CF: Então, ela ia para a Igreja para catequizar...

LS: Para catequizar. Você era filha de quem?

MN: Eu era Filha de Maria da Igreja Nossa Senhora das Graças e tomava o catecismo dos alunos.

CF: Quantos alunos tinham na catequese, lembra-se?

MN: Não, um bocado. [Ela tenta se lembrar, mas a filha interrompe com outra pergunta. Balbucia alguma coisa, mas ficou inaudível]

LS: Esse alunos eram seus mesmos ou eram da comunidade?

MN: Eram da Igreja mesmo. Eu cantava no coro da Igreja da Nossa Senhora das Graças.

CF: A catequese era todos os Domingos...

LS: Quais eram os dias?

MN: Era nos dias de Sábado, para tomar o catecismo.

CF: Se o menino não soubesse da lição, o que a Senhora fazia?

MN: Ficava para o próximo.

LS: Na Igreja não havia o tempo tradicional da palmatória, não.

MN: Quando eu ensinava tinha palmatória.

LS: Mas essa era para os alunos da escola.

CF: A Senhora ficou no processo de catequese durante quanto tempo?

MN: Era um tempo, como de fato tinha tempo, que às vezes chegava outra para substituir. Não me lembro não os meses que a gente passava.

LS: Passava uns meses, depois era outra pessoa, depois voltava, sabe?

E na Igreja de São Benedito, você era Filha de que?

MN: Era aquela fita vermelha... Como é, Meu Deus!!!

LS: Era Coração de que?

MN: Era Coração de Jesus (risos dela).

CF: A Senhora gostava de fazer essas obrigações todas no Domingo, ou no Sábado?

MN: Gostava. Sou eu e a Igreja, eu adoro, só eu e os Santos. Eu rezo muito.

CF: Tem proteção de todos os lados.

LS: Dos orixás e do sincretismo.

MN: É. (risos)

[A prática da religiosidade e a violência sofrida. No discurso a fala sobre a religiosidade está atrelada à violência que os terreiros sofreram e ainda sofrem. A associação é automática].

Itamar: Sobre o sincretismo, como é essa relação entre o Candomblé e a Igreja?

LS: Na época, quando a gente conversa um pouco sobre o Candomblé, a gente conversa um pouco também da Igreja Católica e da História do Brasil, não é? Na época dos pais dela, como eu ouvia muito meu avô falar. Então, era muito a época da perseguição, mas sempre ele foi assim, uma pessoa muito influente, entendeu? O meu avô. E antigamente, as pessoas não eram muito influente assim com políticos, eram com o que? Com padres, não é? Com a polícia, entendeu como é? Tinha aquela influência daquele conhecimento e pela idade dele, as pessoas tinham muito respeito. Então, quando a polícia chegava num Candomblé – **agora está voltando a coisa de antes, então é denunciado**. Os vizinhos é que denunciam. O barulho que está me importunando, não é isso aí. Então, a polícia chega, não quer nem contar a conversa, já vai fecha, *não sei que, não sei mais lá*⁷.

A gente sabe que vem acontecendo em alguns lugares. Então, quando a polícia chegava e via aquela mesa branca, com uma toalha de linho bordada. Geralmente, o pessoal do Candomblé usa muito o richeliê. Então, aquela mesa muito bem bordada, então ele via o que? Os Santos da Igreja Católica.

Pontos marcantes da primeira etapa: o carnaval, com os diversos blocos, onde ela e as suas amigas da juventude iam brincar e andar pela cidade.

Um outro ponto interessante é a narrativa sobre o Pai de Mãe Netinha, que apesar de não ter dinheiro era respeitado pela sociedade. E por último a situação dos terreiros hoje em dia, que ainda são vigiados e perseguidos pela força policial.

É importante esclarecer que o lado dois da fita foi gravado dias depois, pois ao final do primeiro lado, Mãe Netinha precisava almoçar e nós não podíamos modificar a sua rotina, pedindo para continuar ou prolongando mais á tarde. Tivemos o cuidado de respeitar o seu ritmo e os cuidados que a idade avançada exige.

Ao começarmos o lado dois, já na outra semana, houve uma conversa natural sobre o que era divertimento e/ou o trabalho. Tentamos retornar ao final do lado A da gravação anterior, mas a vontade de Mãe Netinha não foi à mesma nossa e os outros dados começaram a surgir.

Lado B

CF: Estou tendo outra visão do que do é lazer e do que é trabalho para vocês.

LS: O nosso lazer? A gente se diverte mais, indo para a casa do outro, do irmão, entendeu? De outra casa, de uma pessoa que nos convida. Então, ali a gente vai para a religiosidade realmente, a gente vai como compromisso e vai também para se divertir um pouco. A gente esquece de ir a uma boate, de ir a uma casa de samba, de um teatro. Então, a gente esquece... **de um cinema** [dito por Mãe Netinha]. Eu não sei o tempo que eu fui ao cinema.

CF: No carnaval sua Mãe não esquecia. (risos)

LS: Já eu não gosto do carnaval assim. Eu gosto de ir para Salvador e de ir assistir – não é o Trio Elétrico – Eu gosto de ir para um hotel, que fique na Avenida Sete e que lá de cima eu fique assistindo os Afoxés. Eu não caí dentro do Afoxé, eu só gosto de vê, de assistir, ali todos reunidos.

CF: E sua Mãe?

LS: Ela vai de vez em quando para o Carnaval de Salvador, para assistir, né? Né Mãe?

MN: É, vou!

LS: Ela é fanática pelos Filhos de Gandhi.

MN: Sou.

LS: Eles vêm de vez em quando fazer visita a ela.

CF: A Senhora já teve a oportunidade de sair com os Filhos de Gandhi?

LS: Não, porque não saí...

NM: Mas naquele ano a gente foi atrás, com os Filhos de Gandhi.

LS: A gente foi assim... não entra na corda.

CF: Sei que não pode.

LS: Mas eles vieram aqui, duas vezes homenageá-la e sair junto com ela, aqui na Pajuçara.

CF: E a Senhora ainda agüentou sair?

LS: Em cima do carro.

MN: Oh! Imagine! (risos)

LS: No tempo de Djalma Falcão...

MN: Imagine, saí mesmo, desfilando no carro, sim!!!...

LS: A Senhora deu uma roupa e um turbante para quem?

MN: Não me lembro. Eu sei que dei, não foi?

LS: Essa pessoa lhe deu também uma roupa, que ainda hoje ainda tem.

MN: Foi o governo... Que eu estou esquecida.

CF: Pode ajudá-la, Luandê?

LS: Djalma...

MN: Djalma Falcão.

LS: E o Zé [José] Bandeira – que já se foi e que agora está no andar de cima. Os dois fizeram isso por ela. Trouxeram os Filhos de Gandhi para homenageá-la.

CF: Farei uma pergunta diretamente para Luandê. Você poderia fazer uma comparação? Como as pessoas estão a tratando? Se há um maior reconhecimento, ou um menor reconhecimento? Ou uma mudança de percepção? Como você vê isso?

Reconhecimento X Esquecimento: Mágoas da filha

LS: O que eu vejo hoje, sabe... hoje, há um reconhecimento. Agora, eu acho que deveria ser maior, mas se não é... o que há de fazer? Eu sou uma pessoa muito conformada, e o que vejo hoje em dia, é uma falta de respeito com a pessoa de idade. Eu vejo muito aqui em nosso lugar, entendeu? O reconhecimento da minha Mãe fora é muito maior.

Posturas diferenciadas: fora do Estado de Alagoas

MN: Ah, é!!! Quando eu chego em São Paulo, sou recebida de foguete e mais foguete. Sou das maiores autoridades.

LS: Eu lembro, uns anos ai passados, cinco anos ai passados... Nós chegamos em São Paulo, esqueço até do nome do aeroporto de lá...

CF: Guarulhos?

LS: Tem Guarulhos e um outro...

CF: Cumbica.

LS: Cumbica, é. Quando nós chegamos, tinha uma combi – cinco ou seis anos passados – e lá vem, saí uma moça toda de branco, com um chapeuzinho. Então, veio duas ao nosso encontro. Era uma enfermeira e uma médica, que estava à disposição da Mãe, a mando do Dr. Canhedo. Só porque ele viu. Acho que ele viu pela internet, que estava viajando uma pessoa numa idade avançada, que estava indo para São Paulo. Uma coisa dessa a gente até se emociona.

CF: Vamos mudar de assunto... [As duas senhoras estavam emocionadas e nós não tínhamos o direito de aumentar o sentimento delas].

Notas de rodapé

* Professora do Departamento de História da UFAL; Vice- Diretora do NEAB/AL; trabalhando com história oral.

1 Atambaque = a atabaque.

2 Ferramenta = instrumentos musicais.

3 Meia lua = um cortejo, ato de respeito.

4 Referindo-se ao mesmo clube ou bloco.

5 estávamos.

6 Em relação à hora da saída dos bailes, pois os bondes circulavam até um determinado horário, sendo assim, as pessoas teriam que ir para casa através de outros transportes.

7 A polícia reprime sem ouvir ninguém.